Recorda-te! Converte-te! E pratica as obras primeiras! (Ap 2,5a)

Uma dinâmica penitencial da experiência cristã de conversão

I. INTRODUÇÃO

É de importância fundamental pensar a leitura do texto bíblico na perspectiva da apropriação de sua dinâmica querigmática. Esta preocupação explicita a necessidade de superar um tratamento do texto enquanto simples explicação e informação, para alcançar uma compreensão do texto enquanto propicia apropriação de sua dinâmica.

Cada texto tem sua dinâmica. Esta dinâmica guarda uma força querigmática.

Aqui, por uma metodologia mais simples, buscar-se-á explicitar uma dinâmica querigmática presente em Ap 2,5a na força dos seus três imperativos.

Ap 2,5a, com seus três imperativos, sugere claramente uma dinâmica determinada. Esta emerge da força própria da articulação dos imperativos. Trata-se, pois, de uma verdadeira dinâmica, e penitencial? Que elementos poderiam sustentar uma resposta positiva? O chamar mulheres e homens para Deus, o adverti-los de sua responsabilidade e o incitá-los à consciência de comunhão e participação pela experiência de conversão não encontram em Ap 2,5a uma dinâmica querigmática incidente e com força impulsionadora?

Responder a estas questões é alcançar o objetivo de explicitar a dinâmica querigmática de um texto bíblico.

II. Ap 2,5a SITUADO NO SEU HORIZONTE MAIS AMPLO

O Apocalipse, como obra literária, inclui um prólogo, Ap 1,1-3, e um epílogo, Ap 22,6-20.

O prólogo apresenta uma obra escrita, determinando o seu conteúdo e a sua origem, com a finalidade de ser lida e ouvida. Bem assim, o epílogo tem um caráter dialógico-litúrgico[1].

Estes elementos dialógico-litúrgicos confirmam a perspectiva de que o Apocalipse é um livro para a leitura comunitária. Esta finalidade primeira é atingida, unitariamente, num livro composto de duas partes de tamanho desigual.

A primeira parte se compõe dos capítulos 2 e 3. A segunda grande parte, com possibilidade de ser considerada em duas partes, engloba de 4,1 a 22,6. Esta segunda parte é considerada como aquela que traz o argumento próprio do livro.

A primeira parte, Ap 2–3, é um setenário de cartas às Igrejas. Os vários elementos induzem a vê-la como um momento preparatório à experiência da segunda parte do livro. A mensagem situa a comunidade eclesial na dinâmica da história da salvação, enquanto se purifica pela submissão ao "juízo" da Palavra de Cristo. É um juízo que impulsiona a comunidade a ler a sua história em confronto com a história da salvação.

O contexto geral das cartas é uma experiência de purificação, tomada de consciência e definição de identidade.

Por isso se diz que na primeira parte a Igreja se purifica; na segunda parte, discerne a sua hora.

Esta dinâmica de purificação e discernimento se confirma no contexto litúrgico que situa o livro[2].

Apocalipse 2,5a está inserido em Ap 2,1-7, a carta à Igreja de Éfeso.

No esquema comum a todas as cartas, Cristo sempre fala na primeira pessoa. Ap 2,5a, quase no centro da própria carta, é a parte na qual, como em todas as cartas, Cristo faz à comunidade eclesial um apelo à conversão. Assim sucede na dinâmica da carta, que inclui a indicação do destinatário, o nome do remetente, uma evocação original com a apresentação de um grande *mas*, o apelo à conversão como momento central, seguido de ameaça, e finalmente a garantia da promessa.

O esquema da carta mostra que depois da parte introdutória, destinatário e remetente, passa-se a uma releitura da situação da própria comunidade eclesial, Ap 2,2-4, seguida da introdução do apelo à conversão.

O dinamismo suscitado pela própria Palavra quer claramente incitar a comunidade eclesial a reencontrar a genuinidade de uma opção feita.

III. Ap 2,5a: UMA DINÂMICA QUERIGMÁTICA PENITENCIAL

A mensagem de Cristo à comunidade eclesial de Éfeso traça uma radiografia. A comunidade perdeu o seu fervor característico. Enfraqueceu aquele seu entusiasmo de uma vez.

Em nenhuma outra passagem do Novo Testamento, excetuando a atividade de ensinamento de Jesus, aparece um juízo tão incidente. A comunidade é

1. VANNI, U. Un esempio di Dialogo Liturgico in Ap 1,4-8. *Bib* 57 (1976): 453-467.
2. BROWNLEE, W.H. The Priestly Character of the Church in the Apocalypse. *NTS* 5 (1958): 224s.

chamada a refazer-se. Neste sentido, o tempo verbal imperativo ganha uma significação especial.

A idéia da queda, presente no perfeito "caíste" e reforçada no imperativo presente, sublinha o caráter de exortação penitencial. O próprio ato de recordar configura um processo de revisão para uma reconquista.

Os três imperativos propõem uma dinâmica de exigência tríplice: rever a ordem das coisas na resposta dada como vida cristã, donde emerge uma prova de si mesmo, o reconhecimento da ingratidão e o esforço de retornar ao estado de graça.

O recordar, em relação ao converter-se, sugere uma atitude continuada até um rompimento total com a situação analisada.

Na verdade, a dinâmica emergente dos três imperativos vem considerada como correspondente a três estágios do processo de conversão[3]. É necessária uma profunda consciência da dimensão da queda. Não se trata de uma simples mudança de mentalidade. Mas é preciso inverter a marcha. A consciência penetrante deve provocar esta mudança. Trata-se de começar tudo de novo.

A dinâmica penitencial, no contexto bíblico, é um convite caracterizado por imperativos e um porquê explicativo. Este tipo de convite é muito comum na linguagem profética (Jr 4,5-8; Is 32,11-14; Jl 2,12-13)[4]. Esta dinâmica penitencial é sempre uma tentativa de novo engajamento da história pessoal do homem na história dos homens.

IV. Ap 2,5a: AS SIGNIFICAÇÕES QUE GERAM A DINÂMICA

Ap 2,5a parece guardar uma clara linha teológico-penitencial. Nos seus três imperativos está concentrada uma dinâmica que aciona um processo de conversão.

Neste sentido é importante percorrer, ainda que resumidamente, um caminho que testemunhe a significação e o quadro de evocações guardadas no campo significante destes três imperativos.

1. Recorda-te!

O ato de recordar tem uma função importante na vida inteira e na Bíblia. Não se trata de uma mera atitude intelectual. Pelo contrário, evoca condições e determina direções para o comportamento daquele que recorda. Este é um traço fundamental no horizonte antropológico hebraico.

No Antigo Testamento, "ZKR" é a raiz que traduz o nosso "recordar". Ela aparece 287 vezes no Antigo Testamento. A maioria destas ocorrências refere-se ao homem que se recorda do passado. Uma recordação de experiências do passado na perspectiva da atualização. A recordação desencadeia um processo de atualização do passado. Recordar evoca um impulso forte para a atividade (Hab 3,2; Lm 3,20; Jó 4,7; Sl 22; Nm 11,15).

3. LOHMEYER, E. *Die Offenbarung des Johannes.* Tübingen, 1953, p. 22.
4. LIPINSKI, E. *La liturgie pénitentielle dans la Bible. Lectio Divina* 52, Paris, Cerf, 1969, p. 27-41.

Esta característica sugere que recordar o passado tem uma função humano-psicológica básica na vida do homem. Por isso, o verbo tem, também, uma função exortativa. Basta ver as exortações do Deuteronômio, nas quais a recordação do passado se constitui como motivo de colocar em prática os mandamentos de Javé, uma vez confiados ao povo.

"ZKR", no Antigo Testamento, tem Deus e o homem como sujeito. Quando Deus é o sujeito, ele pensa no homem, recorda a sua Aliança e seu relacionamento especial. Nas mais de cem ocorrências onde o homem aparece como sujeito, ele se recorda das obras de Deus, da Aliança, dos pais, da saída do Egito e da história do seu povo.

Esta recordação opera uma transformação porque a mentalidade hebraica não admite a existência de dissociação entre pensamento e ação, assim como é comum para a mentalidade ocidental. Por isso, "ZKR" - recordar significa pensar e agir. Estes dois atos não são separados na mentalidade hebraica.

No Novo Testamento encontram-se estas mesmas perspectivas. Bastaria pensar as palavras de Jesus na Última Ceia. Seguramente ele não planejava que seus discípulos se recordassem daquele evento apenas com o objetivo de não se esquecerem.

"ZKR" no Antigo Testamento é "mnemoneuo" no Novo Testamento, com o sentido de "recordar-se", "pensar em".

A Palavra de Cristo demonstra sua força enquanto é viva no discípulo pela recordação. A idéia da recordação produz algo na interioridade e na estrutura do homem.

2. Converte-te!

A conversão é um processo de ruptura radical. Mulheres e homens são convidados à recriação de suas estruturas. Neste sentido, todo o Antigo Testamento é uma verdadeira teologia da conversão. O povo faz a sua experiência religiosa, sempre, na perspectiva de voltar à comunhão com Deus e renegar o mal.

"SHUB" "converter, voltar" é o verbo que no Antigo Testamento por 1059 vezes designa a volta do pecador para o seu Deus. A raiz tem como significação a orientação de um objeto para confirmá-lo no seu ponto inicial. Não é apenas uma simples mudança de direção. Neste sentido é um mover-se na direção do ponto de partida.

Este é o tema fundamental da pregação profética. Trata-se de uma reparação, do restabelecimento de um estado originário da relação com Javé. Por isso, a volta ao "primeiro", para um novo começo.

A conversão implica, essencialmente, o reconhecimento do estado de pecado determinado pelas violações da justiça, distanciamento dos caminhos de Deus.

No Novo Testamento, no seu forte apelo à conversão como condição colocada por Jesus mesmo para participar do Reino, a idéia principal é aquela de um movimento em nível interior que capacite o homem a um novo modo de viver. Conversão é processo de transformação do homem no mais profundo de sua interioridade.

No Apocalipse ocorre o maior número de referências ao converter-se em todo o Novo Testamento. Converter-se é um dos verbos que no Novo Testamento constitui a base para a concepção ético-religiosa da conversão[5].

3. Pratica as obras primeiras!

"'ASAH" "fazer, praticar" é o verbo que no contexto bíblico indica a responsabilidade do homem para com seu Deus e para com os outros homens. É importante que o homem saiba fazer aquilo que vem ordenado em favor da Aliança.

No Novo Testamento o fazer humano ganha uma significação importante. Ligam-se o agir e a experiência de salvação.

O agir do homem, enquanto seu "fazer", está intimamente relacionado à sua resposta de fé, efeito de conversão, e concretização da salvação à qual ele é chamado.

V. CONCLUSÃO

A comunidade eclesial é chamada a fazer uma experiência de purificação sob o impulso penitencial que os três imperativos sugerem.

Ap 2,5a ganha força de dinâmica penitencial a partir da reprovação contida em Ap 2,4. É a reprovação à negligência do primeiro amor. Amor primeiro no que se refere à sua qualidade.

Recordar-se é o primeiro grande passo para a conversão. A comunidade deve ter como compromisso habitual a recordação daquele estado genuíno do amor. É o processo de introduzir-se no significado mais profundo da queda, gerando uma nova e clara consciência.

Converter-se é o convite permanente ao processo de mudança. É a estruturação de uma consciência nova, viva e penetrante no confronto de realidades e fatos.

A comunidade entra na sua própria realidade para reler por que o seu amor não é mais como o primeiro.

Praticar as obras primeiras é a indicação, no processo da conversão, de que conta aquilo que o convertido é capaz de operar.

Numa dinâmica penitencial, "recorda-te" é o momento da releitura, pela recordação, e da reconstituição da história pessoal e eclesial, numa dinâmica de confronto.

"Converte-te" é o momento em que se trabalha na interioridade, o apelo e a palavra, renovando e mudando, segundo o movimento de atitudes e princípios reconstituídos.

"Pratica as obras primeiras" é o momento da atualização da conversão nas circunstâncias concretas da existência.

5. LACAN, M.F. Conversion et grâce dans l'Ancien Testament. *LumVie* 47 (1960).

A dinâmica penitencial é, pois, a experiência da opção renovada e do assentimento profundo à Palavra de Deus.

Parece, pois, convincente que a dinâmica penitencial presente em Ap 2,5a seja uma rica dinâmica querigmática na medida em que a recordação do passado, enquanto reapropriação da história vivida, a diferenciação emergente do conflito pelo mudar de rumo e, por fim, a imitação de um modelo consolidam um processo de verdadeira e radical remodelação.

É, pois, uma dinâmica querigmática por reestruturar e remodelar em nível eclesial e pessoal.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AZEVEDO, W.O. *Recorda-te, converte-te e pratica as obras primeiras. Uma dinâmica penitencial de experiência cristã de conversão à luz de Ap 2,5a.* Dissertação de mestrado, Roma, PIB, 1980.

LACAN, M.F. Conversion et grâce dans l'Ancien Testament. *LumVie* 47 (1960): 5-24.

LIPINSKI, E. *La Liturgie pénitentielle dans la Bible.* Lectio Divina 52, Paris, Cerf, 1969.

LOHMEYER, E. *Die Offenbarung des Johannes.* Tübingen, J.C.B. Mohr, 1953.

Walmor Oliveira de Azevedo
Av. Rio Branco, 4516
36026-500 Juiz de Fora, MG